

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
CURSO DE PSICOLOGIA

HUGO RAFAEL ÂNGELO DOS SANTOS

DOENÇAS DA ALMA NA GRÉCIA ANTIGA

Maceió
2020

HUGO RAFAEL ÂNGELO DOS SANTOS

DOENÇAS DA ALMA NA GRÉCIA ANTIGA

Artigo científico apresentado ao Curso de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Prof^o MSc Rodrigo Barros
Gewehr

Maceió

2020

DOENÇAS DA ALMA NA GRÉCIA ANTIGA

Hugo Rafael Ângelo dos Santos

RESUMO

Neste artigo é proposto um estudo acerca da história da filosofia e história da medicina em seu berço ocidental, a Grécia no período antigo. A fim de compreender melhor como essas áreas do conhecimento se desenvolveram e contribuíram para o entendimento da alma humana, que é o objeto central na investigação das ciências psicológicas modernas. A investigação sobre enfermidades e processos de cura que eram propostos na Grécia antiga, assim como suas conceituações para alma humana podem ser enriquecedores quando pensados como um movimento de que aproxima os saberes médicos, filosóficos que são hoje também parte dos saberes psicológicos.

Palavras chave: Doenças da alma. Medicina Hipocrática. Grécia Antiga.

INTRODUÇÃO

A Psicologia dentro de uma perspectiva histórica é considerada uma ciência nova que se desenvolveu por volta do sec. XVIII. A etimologia do seu nome nos remete a duas palavras gregas: *psykhé* e *logos*, em uma livre tradução *psykhé* significaria *alma*, *espírito* ou *consciência*, o *logos*, para os antigos, possuía uma forte relação com o poder do verbo e pensamento, ou seja, uma capacidade de criar ou modificar o estado das coisas (EL-JAICK; CARVALHO, 2018 p.780). Mesmo se tratando de uma ciência nova, os problemas relacionados à alma humana foram observados e relatados desde os primórdios de nossa civilização, o que nos permite imaginar que doenças psíquicas eram de algum modo entendidas ou mesmo tratadas a depender do tempo que nos referimos.

A influência grega mostrada no nome “*Psicologia*”, que hoje se trata de uma ciência, não se dá ao acaso, isto se deve ao fato de que nenhuma outra

cultura foi mais influente no ocidente como foi à civilização Grega, quando se trata de questões relacionadas ao campo do conhecimento, de forma geral, tantas foram às influências, no que tange às ciências médicas, filosofia e psicologia humana (CASTRO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2011 p.799).

A arte de curar no ocidente é um exemplo de conhecimento que para existir uniu forças entre teorias e práticas que se relacionaram por muito tempo. Os campos do conhecimento que, sob a ótica dos gregos, ilustram o desenvolvimento dessa arte é observado na história da Filosofia e da Medicina, que andaram de mãos dadas até que pudesse existir um método clínico propriamente dito. Segundo Frias (2005), muitas práticas foram iniciadas nas escolas Gregas de medicina, Cós e Cnido. Com o passar dos tempos naturalmente a prática médica passou por transformações e rupturas, como no século XVIII, descritas no Nascimento da clínica de Foucault, entretanto, elementos antigos como a observação clínica, diagnósticos e prognósticos, que são criações genuínas da Grécia antiga, ainda fazem parte das práticas médicas atuais (FRIAS, 2005, p.16).

O questionar próprio da filosofia, quando levado às ciências médicas e posteriormente à ciência psicológica, podem nos levantar questões importantes a serem tratadas no que diz respeito à *psykhé* humana, ou como chamaremos aqui, *alma*, considerando este um campo onde muito se pode explorar, a fim de compreender como as enfermidades mentais começaram a ser compreendidas no ocidente.

AS ENFERMIDADES NA GRÉCIA ANTIGA

Segundo Barbosa e Lemos (2007), a história da Grécia Antiga é dividida em quatro períodos: Arcaico (séc. XIII a.C. – séc. V a.C.), Clássico (séc. V a.C. – séc. IV a.C.), Helenístico-Macedônico (séc. IV a.C. – séc. I a.C.) e Helenístico-Romano (séc. I a.C. – séc. V d.C.). Dentre estes, os mais importantes para o desenvolvimento da arte médica foram os períodos Arcaico e o Clássico, não descartando a influencia dos demais períodos (BARBOSA, D.; LEMOS, P. A, 2007, p. 117).

Na literatura ocidental, a *Odisséia* e a *Ilíada* são essenciais para a compreensão da posição do homem na antiguidade, em especial no período arcaico da Grécia. Estes poemas foram datados entre os séculos XI e VIII a.C (ENTRALGO, 1958). Hoje registrados pela escrita, mas anteriormente transmitidos por muitas gerações através da oralidade, eles comportam conteúdos que foram de grande importância para a língua, arte e religião Grega antiga, conseqüentemente para a forma de compreender a natureza do homem (ROCHA, 2001, p.70).

Os versos Homéricos possuem mais de vinte cinco séculos, afirma Entralgo (1958), possuindo também valor como documentos arcaicos, que servem para investigação de processos de cura anteriores à existência da ciência médica. Deste modo, é possível encontrar alguns relatos correspondentes às noções de enfermidade e práticas utilizadas para curar, podendo inclusive haver semelhanças a tipos de prática já vigentes na atualidade (ENTRALGO, 1958, p.13).

A diferente compreensão de homem que se tinha no período arcaico da Grécia, segundo Rocha (2001), implicou numa diferente noção da ideia de corpo e de alma (*psykhé*).

[...] o homem homérico empregava não a palavra *soma*, mas as palavras *guya*, que significa os membros do corpo em movimento, e *melea*, que designa os membros dotados de força muscular. Era também empregada a palavra *demas* para designar a estrutura, o tamanho, a semelhança (ROCHA, 2001, p.71).

Entende-se que na Grécia arcaica pouco se conhecia sobre a anatomia e fisiologia humana, e que todo equilíbrio da vida seria compreendido através da relação entre homem-divindades e homem-natureza, em especial os quatro elementos: terra, água, fogo e ar (BARBOSA, D.; LEMOS, P. A, 2007, p. 117).

O parente desconhecimento a respeito da anatomia daria espaço um pensamento mítico comum ao período. Rocha (2001) afirma que apesar de o grego arcaico ter ideia da existência da *psykhé*, ele a ignorava. Entendia que ao morrer iria desencarnar e vagar pelo *Hades* como uma sombra inconsistente, desse modo o que lhe salvaria desta condição seria o *thymos*, que se caracterizava por ser o “ímpeto e o arrebatamento do coração valente” (ROCHA, 2001). Os gregos consideravam que uma vida sem *thymos* seria

“uma vida sem vida”, então seria nesta condição do espírito que residiria “o segredo dos grandes feitos e das ações gloriosas, que faziam do guerreiro mortal, um herói” (ROCHA, 2001, p.71).

O *lógos*, enaltecido pelos poetas, tirava os mortais da noite do esquecimento e os imortalizava. Poder-se-ia, portanto, dizer que, para o grego arcaico, a verdadeira morte não era a do corpo, mas a da lembrança (Garcia-Roza, 1995: 32). Sem o *thymós*, a *psyché* não passava de uma triste sombra perdida na noite do esquecimento (ROCHA, 2001, p.71-72).

Para o homem Homérico as condições da vida não seriam explicadas pelo conhecimento de si mesmo, sendo assim, a vida psíquica interna não seria determinante para explicação de virtudes ou até mesmo da sanidade. Desta forma, a explicação para os acontecimentos, era que estavam sob domínio dos deuses, que puniam e também serviam de figura inspiradora para a vida humana (ROCHA, 2001, p.72).

Entralgo (1958) constatou, através de estudos sobre as epopeias, que as noções de enfermidades que se obtém do período referente à Grécia arcaica, poderiam possuir quatro naturezas distintas: traumáticas, punitivas, ambientais e demoníacas. Estas afecções são mostradas nos versos Homéricos como males visíveis aos olhos, ou seja, elas possuíam uma característica materialmente visível e inteligível, diferenciando apenas as enfermidades *nousos*, que eram enviadas por Zeus e acometiam diretamente a *psyché* com a loucura (ENTRALGO, 1958, p.17).

As enfermidades traumáticas são compreendidas como as mais comuns de acontecer, deste modo, os acidentes que levam a ferimentos no corpo podem ser compreendidos como traumáticos. As punitivas podem ser desencadeadas por ações que desagradam aos deuses, como a transgressão motivada pela *hybris*, que poderia levar à punição com a loucura. Os males ambientais são derivados de ocorrências externas ligadas à natureza, como exposição ao frio ou calor ou consumo de alimento ou bebidas. Enfermidades demoníacas são decorrentes da ação de um *daimon* hostil que acomete o corpo (ENTRALGO, 1958, p.18-22).

Entralgo (1958) ressalta que os povos arcaicos da Grécia consideravam que as enfermidades eram concebidas a partir de uma fuga da *psyché*, que seria caracterizada pela ausência ou diminuição do *thymós*, enquanto virtude, ânimo e disposição dos sentidos, deixando um espaço entreaberto para a ocorrência de um “*accidente morboso*” (ENTRALGO, 1958, p.22- 24).

Mesmo em um período (arcaico) em que as compreensões da natureza e da vida não possuíam explicações únicas, Entralgo (1958) destaca pontos comuns ao pensamento jônico, vislumbrados a partir da epopéia homérica, como: a mutabilidade das coisas observáveis e o movimento das coisas, que poderiam ser de origem natural ou divina. A compreensão que se tinha a respeito da relação entre o pensamento médico arcaico e a realidade da *physis*, seria a de que aquilo que nasce, cresce e morre, criado e movido por um primeiro impulso, o que corroboraria a visão religiosa da época (ENTRALGO, 1958, p. 25-29).

Una conclusión se impone: en el mundo homérico no hay solución de continuidad entre los movimientos del cosmos que parecen espontáneos y los que la voluntad de los dioses directamente suscita ; o, más concisamente, entre lo natural y lo divino (ENTRALGO, 1958, p. 29).

O ciclo deste movimento natural é terminado com a morte, que faz parte da noção da regularidade presente no *cosmo*, assim como também são os fenômenos dos astros, estações, marés e ações humanas. A partir desta noção é possível perceber a relação de possível previsibilidade que se tem sobre a realidade, pensar nesse contexto situações de cura implicaria também pensar em pessoas que estabeleceriam uma boa relação nas leituras destes ciclos, ou observação da realidade, deste modo, para mediar e interpretar as ações e acontecimentos mórbidos, a consulta a sacerdotes era comum, e através deles se obtinham respostas para as enfermidades que acometiam as pessoas de forma individual ou epidemicamente (ENTRALGO, 1958, p.30- 33).

Alguns elementos trazidos na epopeia revelam possíveis técnicas que existiam nos primórdios do pensamento terapêutico grego; estes tratamentos poderiam possuir características cirúrgicas, medicamentosas ou dietéticas. No entanto, Entralgo (1958) descreve formas curativas menos mencionadas pela

literatura, como as técnicas de catarse e utilização de ensalmos, que de uma forma mais ampla têm como sua base a “palavra terapêutica” para purificação do corpo e cura de enfermidades psíquicas (ENTRALGO, 1958, p. 33).

Técnicas como: interpretação de sonhos, ritos, cantos, conjurações e conversas, faziam parte dos processos curativos. As práticas eram executadas por pessoas específicas e poderiam ser efetuadas isoladamente ou conjuntamente às demais, o êxito, além de tudo, levaria em conta a virtude do curador. Outros rituais catárticos, como os *banhos lustrais*, visavam lançar impurezas ao mar, a fim de obter a purificação e reconciliação com os deuses, que viriam através de orações, oferendas e sacrifícios de animais e pessoas (ENTRALGO, 1958, p. 34-38)

Entralgo (1958) enfatiza, nas técnicas curativas percebidas nos povos arcaicos, o poder da palavra que era o usado da para curar pelo que chamou de “encantamento”, que seria, quando estas palavras produziam um deleite na alma do enfermo, neste caso, o encantamento não necessariamente seria fruto de uma propriedade mágica, mas de uma fórmula verbal. Neste contexto, três formas distintas eram empregadas: a primeira delas é o uso imperativo no formato de oração, a segunda possuía características mágicas (ensalmos e canções) a terceira forma era a palavra de intenção psicológica, que se caracterizava por ser um dizer agradável que teria por finalidade uma sugestão para o tratamento (ENTRALGO, 1958, p. 44).

Enfermidades no período clássico

O período clássico ficou marcado pelo que alguns pesquisadores consideram “o milagre grego” (nascimento da filosofia), com o grande número de pensadores como: Sócrates (470-399 a.C.), Hipócrates (460-377 a.C.) , Platão (427-348 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.) e outros, que no contexto de da arte de curar, mudaram a compreensão puramente mitológica que se tinha na Grécia arcaica, de que a natureza do homem dependia exclusivamente dos deuses (BARBOSA, D.; LEMOS, P. A, 2007, p. 118).

[...] no século VI (a.C.), surgiu um novo pensamento (filosófico-naturalista) com o aparecimento dos filósofos-médicos, que, nos séculos seguintes, iriam criar escolas médicas e produzir os textos médicos clássicos, hoje conhecidos como “Corpus Hipocraticum”. Assim, os gregos arcaicos foram os introdutores do pensamento racional no âmbito das teorias médicas (BARBOSA, D.; LEMOS, P. A, 2007, p. 117- 118).

Alguns estudiosos acreditam que as escolas de medicina Gregas das cidades de *Cós* e *Cnidos* possuíam divergências doutrinárias, mas ambas as escolas foram de grande importância para o desenvolvimento de curas para enfermidades. Acredita-se que o *corpus hipocraticum* surgiu entre essas duas, que teriam como principal divergência questões de método: em *Cnidos* prevalecia casos nosológicos onde o diagnóstico possui maior valor que o prognóstico; já em *Cós* prevalecia o prognóstico, embora ambas visassem a observação dos sintomas a fim de tentar explicá-los (FRIAS, 2005, p33).

Thivel, apud Frias (2005), trata da questão acerca das escolas médicas renunciando à divergência entre ambas e propondo a distinção entre o “princípio dos semelhantes e princípio dos contrários” (FRIAS, 2005, p46). Dessa forma afirma que não são apenas divergências, mas sim formas completamente diferentes de pensar. A escola médica de *Cós* levava em consideração a influência jônica e uma visão materialista do mundo, tendo em vista que o universo jônico era *uno*, enquanto a escola de *Cnido* sofre influências de filosofias do século V a.C como pitagorismo e o eleatismo, onde se acredita em um mundo dividido, entre mundo de aparência e mundo de ideias (THIVEL apud FRIAS, 2005, p48) .

[...] durante a segunda metade do século quinto a. C. (...) a velha atitude cosmológica - cujo objetivo principal era explicar o mundo exterior como um todo, sendo o homem considerado só por acaso – foi (...) substituída por uma atitude humanística em relação à filosofia, graças à qual o estudo do homem deixou de ser subsidiário, para se tornar no ponto de partida de toda investigação (KIRK, apud FRIAS, 2005, p. 20).

A influência da física pré-socrática sobre as descrições médicas, afirma Thivel apud Frias (2005), colabora para a compreensão do homem daquela época. Acredita-se na influência dos fenômenos meteorológicos ao relacioná-los com o meio interno do homem, assim visava-se elucidar não só problemas

fisiológicos, mas fisiopatológicos também, o que foi chamado de teoria humoral (THIVEL apud FRIAS, 2005, p48).

O movimento dos humores no interior do corpo obedece às mesmas leis que movem os fluidos da natureza. Os estados de saúde e doença, seja em Cnidos ou em Cós, são explicados pela mecânica dos fluidos sendo um dos principais mecanismos fisiopatológicos o fluxo de humores que descem do cérebro em direção às diversas partes do corpo (FRIAS, 2005, p49).

Em Hipócrates, a influência ambiental na saúde seria um determinante muito importante. Um dos tratados pertencentes ao *corpus hipocraticum* cuja autoria é atribuída ao próprio autor, chamado “Ares, águas e lugares”, trata da relação entre a saúde do homem e os elementos naturais da geografia de cada região. “Ares” diz respeito à posição dos ventos, estações do ano e suas mudanças cíclicas. “Águas” faz menção à precipitação de cada região, assim como também à presença ou escassez de água, quantidade de nascentes e humidade do solo e do ar. “Lugares” leva em consideração a localização da cidade, cultura do povo local, formas de se vestir e as dietas (JARDIM DE CARVALHO, 2012, p 370)

Teoria Humoral

A Teoria humoral ficou conhecida como teoria dos quatro humores, pois herdou da escola pitagórica a ideia de um universo formado por quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Além dos elementos o universo seria formado também por quatro qualidades: quente, frio, seco e úmido. Esta estrutura quaternária foi tomada como base para a teoria humoral, que qualificava o humor (*khymós*), segundo a escola hipocrática, como sendo uma “substância presente no organismo necessário à manutenção da vida e da saúde” (REZENDE, 2009, p 50). Pigeaud (2009), por sua vez, acrescenta que na medicina antiga o corpo seria visto como uma coisa porosa e com cavidades, por onde seriam percorridos líquidos e ar, essas substâncias que seriam chamadas de humores (PIEGEAUD, 2009, p 53).

A doutrina dos quatro humores apresenta forte relação com a estrutura do universo físico (*physis*), onde há uma relação numerológica quase que mística que associa quatro elementos, quatro qualidades, quatro estações do ano e os quatro humores, que seriam: Sangue, Fleuma, Bile Amarela e Bile Negra. Estes seriam os determinantes de uma boa saúde, em caso de perda, separação ou desproporção o desequilíbrio humoral interno geraria enfermidades (REZENDE, 2009, p 51). Numa explicação hipocrática, o homem se movimentaria e viveria seguindo o ritmo do universo, do mesmo modo, adoeceria segundo esse mesmo ritmo, sendo o homem ligado, então, aos movimentos do mundo através dos humores em si contidos. Piegeaud (2009), fazendo analogia entre o homem e o universo, nos dá à ideia de um microcosmo e um macrocosmo, respectivos a ambos, para ele o comportamento mimético caracterizaria esta relação, onde o pequeno mundo seguiria as mesmas leis que o grande (PIEGEAUD, 2009, p 65-66).

Segundo a doutrina dos quatro humores, o sangue é armazenado no fígado e levado ao coração, onde se aquece, sendo considerado quente e úmido; a fleuma, que compreende todas as secreções mucosas, provém do cérebro e é fria e úmida por natureza; a bile amarela é secretada pelo fígado e é quente e seca, enquanto a bile negra é produzida no baço e no estômago e é de natureza fria e seca (REZENDE, 2009, p 51).

Ao tratar da harmonia (*eucrasia*) e desarmonia (*discrasia*) entre humores como os determinantes do estado de saúde ou doença, a concepção hipocrática para o posicionamento do médico, ao tratar das doenças, estaria alinhada a um auxílio do que seria um movimento natural da *physis* que sempre encontra uma forma de corrigir a desarmonia e restaurar a *eucrasia* nos corpos. É com base nestes preceitos que surgem formas do médico hipocrático auxiliar as forças naturais, no processo de cura, elas estão relacionadas à retirada de humor excessivo ou defeituoso. Os principais métodos terapêuticos desenvolvidos foram: sangria, purgativos, améticos e clisteres (REZENDE, 2009, p 52-53).

DOENÇAS DA ALMA

Platão, no *Timeu* havia escrito que “os prazeres e dores excessivos são, para alma, as mais graves doenças” (PLATÃO.*Timeu*. 86b), este tema possui uma grande importância em sua obra, uma vez que, a alma (*psykhè*) seria a causa geral da vida e centro ordenador da moral, nela que residiria a capacidade de conhecimento. A alma humana teria sido gerada do que chamou de “sobras da alma do mundo”, seria ela uma ligação entre a natureza do universo e a humana, que deveria seguir o exemplo harmonioso do *cosmos*. A perfeição e a inexorável ligação corpo-alma, presente na alma do mundo, não seria possível à natureza humana, ao menos em vida, pois só após a morte, corpo e alma seriam fundidos em um só (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.622).

No período clássico, a medicina hipocrática tratou das doenças como relativas, majoritariamente, às influências do corpo, para Platão este modo de pensar, limitaria as explicações sobre a natureza humana. Platão, em certa medida, inverte a equação hipocrática, no que diz respeito à relação Corpo-Alma presente no contexto médico-filosófico antigo. Mesmo sendo influenciado pela medicina hipocrática, fica clara a relação Corpo-Alma pensada por Platão com uma hegemonia da alma quanto à sua importância no contexto das doenças (FRIAS, 2005, p 80).

O pensamento de Platão para a medicina foi baseado na relação parte-todo, onde a cura de uma parte só seria possível verdadeiramente com a realização da cura do todo, neste caso, levando em consideração toda natureza humana, corpo e alma. Neste ponto, Platão se distanciava dos médicos hipocráticos, que, de certa forma, “negligenciaram o todo”. O todo referido por Platão está ligado à totalidade do ser, corpo e alma, que são indissociáveis, porém, existindo uma soberania da alma, pois, seria dela que surgiria o bem e o mal para o todo referido (FRIAS, 2005, p 81-83).

A reflexão em torno da alma humana como a instância que permite a vida, parte da ideia de que a *psykhé* humana é cópia da *psykhé* do mundo criada pelo Demiurgo. Platão assume que esta cópia é imperfeita na sua

relação com o corpo, mas a função é a mesma, que seria lhe servir como um veículo (FRIAS, 2005, p 129).

Numa visão platônica, o que poderíamos chamar de “anatomia da alma” consiste em dizer que a alma possui divisões, e cada parte dela possui suas particularidades. Inicialmente, a alma humana seria bipartida entre: “*Alma Imortal*” e “*Alma Mortal*”, no entanto, a alma mortal sofre outra divisão que traz à tona as partes denominadas de “Irascível” e “Concupiscente”, que assumem características distintas. Sendo assim a alma humana em aspectos gerais seria tripartida e suas partes seriam: Alma Imortal, Alma Mortal irascível e Alma Mortal concupiscente. “A alma mortal é repleta de paixões terríveis e fatais” (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.623), sua primeira divisão, “Alma Irascível”, situa-se no tórax e relaciona-se com a coragem e a cólera. A segunda, “Alma concupiscente” ou “Apetitiva”, “alocada na região umbilical, sendo relativa aos apetites, desejos, prazeres e dor” (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p. 622-623).

A “alma imortal”, também chamada de Racional, seria a sede da vida e aquilo que anima o corpo, neste caso, uma mimese da alma do mundo, que mantém a harmonia do *cosmos* e é também responsável pelo aprendizado e conhecimento das formas perenes. “A alma imortal conhece o real pela contemplação das formas eternas”, as formas eternas são justamente as ideias a que ela tem conhecimento *a priori*, ou seja, de maneira *inata*. A ligação entre alma racional e ideias perenes faz do elemento da recordação (*anamnesis*) uma instância essencial para o pensamento helênico, no que diz respeito aos processos terapêuticos da época, que é também possível de se perceber nas narrativas míticas (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.622).

Sócrates pontuava que se os homens fossem libertados dos preconceitos e das falsas convicções poderiam vislumbrar a verdadeira finalidade da vida. Assim, pois, aquele que atingisse o Bem não poderia deixar de fazê-lo. Exatamente esta apreensão dependia da contemplação das Idéias eternas pela alma imortal, propiciando um incontornável esteio moral [...] (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.624).

A alma sendo a principal instância do ser humano, precisa manter-se saudável, e para isso ela deve se satisfazer da justiça. No entanto, a alma pode

vir a ficar enferma e somente devido à instabilidade e influências do corpo: uma vez que a alma é o que existe de divino no homem, a enfermidade não pode surgir nela mesma, deste modo, Platão define para alma seus correspondentes no corpo biológico, que segundo Frias *apud* Siqueira-Batista e Schramm (2004), seriam intermediados pela medula, a cervical fixaria a alma imortal e a espinhal a mortal (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.624-625).

Com base nestes aspectos anátomo-fisiológicos, Platão constrói sua fisiopatologia, distinguindo as doenças do corpo e da alma. As enfermidades somáticas podem ocorrer por (1) desequilíbrio dos seus elementos constitutivos fogo, terra, ar e água; (2) por corrupção dos tecidos do corpo a carne, os nervos, o sangue, os ossos e a medula; e (3) pelo ar e por humores bile e flegma (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.625)

No *corpus hipocraticum*, especificamente no livro VI a.C. dos *Aforismos de Hipocrates*, a principal doença da alma mencionada é a melancolia (*dysthymia*), que poderia ser caracterizado por abatimento ou tristeza aprofundada, esse estado de desgosto pela vida era apontado pelos filósofos antigos como *taedium vitae*. Os médicos entendiam que a bile negra seria o humor responsável pela maioria dos males da alma, dentre eles a melancolia, que nesse contexto seria considerada um doença gravíssima e levaria a consequências ruins, como: fortes náuseas e sofrimento através dos pensamentos (PIEGEAUD, 2009, p 118-121).

A melancolia enquanto doença pode ser considerada simbolicamente o elo que une interesses comuns entre médicos e filósofos, tendo vista que o desgosto pela vida poderia ser amplamente discutido pelos filósofos, assim como o temor a morte, já as consequências somáticas explicadas medicamente através da teoria dos humores. Esse interesse simultâneo entre médicos e filósofos, para Piegeaud (2009), simboliza a compreensão dualista grega para corpo e alma, exemplificada no vocabulário: médicos usavam o termo melancolia e filósofos o termo *taedium vitae* para se referir a mesma patologia (PIEGEAUD, 2009, p 125-127).

Já para Platão, as doenças da alma foram consideradas genuínas doenças morais, sua ocorrência se daria devido a algum tipo de obstrução da natureza divina, que é a parte da alma chamada imortal ou alma racional

(*noûs*). Esta obstrução deveria ter origem no corpo e resultaria em um subproduto denominado *demência* ou desrazão (*ánoia*) (FRIAS, 2005, p 130), e ocorreriam quando houvesse um bloqueio da “alma racional” e o corpo ficasse sob domínio da alma mortal. A demência foi subdividida em: loucura (*mania*) e ignorância (*amathía*), podendo elas ter inúmeras causas para ocorrer (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.626).

Pode-se ressaltar que os excessos são poderosos males produtores de doenças da alma, sendo assim, os prazeres excessivos poderiam levar à loucura. Siqueira-Batista e Schramm (2004) enfatizam que na obra platônica fica clara a ideia de que a ignorância é considerada um mal involuntário por quem é acometido, assim como a intemperança, que seria fruto da ignorância e levaria o indivíduo a cometer excessos (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.626).

“A ignorância tem sua origem em dois aspectos: má constituição corporal e educação ruim” (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.626). A formação do corpo é percebida como importante no processo de saúde da alma, dado este que também é percebido nos gregos devido à valorização de um corpo belo e da ginástica. Além disso, os aspectos da cultura, a educação neste caso, eram ainda mais importantes, pois poderiam sobressair aos eventuais defeitos físicos que um corpo viesse a ter: ou seja, a boa educação superaria más formações biológicas do corpo e combateria a ignorância como doença da alma (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.626)

Platão nomeou e apresentou formas de manifestação para as doenças da alma, distinguindo os tipos de *mania* e os tipos de *amathia* que acometem a *psykhé* humana. A loucura (*mania*) possui duas formas de manifestação, a primeira é a intemperança sexual, que embora seja uma doença da alma, deriva de uma condição corpórea, que é a produção excessiva de sêmen. O homem acaba por se tornar um insensato, e sua alma torna-se desprovida de razão, características que levam o homem a se tornar um vicioso. A segunda forma de manifestação da loucura são as chamadas “Paixões da Alma”, que aparecem derivadas da decomposição dos humores Bile e Flegma, e provocam fortes dores ao serem eliminados em forma de vapor. Em seus movimentos,

estes humores misturam-se com o sangue e a alma, em suas três partes. Esse movimento pode produzir estados de tristeza, desgosto, audácia, covardia, esquecimento e preguiça mental, que podem existir de forma transitória até o restabelecimento do equilíbrio dos humores (FRIAS, 2005, p 131-132).

A ignorância (*amathía*) também foi classificada por Platão de acordo com duas formas de manifestações principais. A primeira delas seria: a constituição corporal ruim associada aos regimes políticos viciosos (FRIAS, 2005). Platão aborda esta problemática, no que diz respeito a uma característica do sujeito em estado de ignorância, quando fala que “toda ignorância é involuntária, e aquele que se acredita sábio se recusará sempre a aprender qualquer coisa de que se imagina experto” (*PLATÃO. Sofista. 230a*), este seria um grande empecilho ao tratamento. Neste contexto, une-se a importância que os gregos davam para um corpo saudável, anatômico e proporcionalmente. Estas condições físicas aliadas a uma solidez moral e as virtudes que regiam a política da *polis*, seriam, de modo geral, os constituintes de uma boa educação. O homem grego na antiguidade seria o fruto da sociedade em que vivia e dependente das condições, físicas e morais para determinar estado de sua saúde (FRIAS, 2005, p 134).

A segunda manifestação da ignorância acontece com a “queda da alma no corpo”, que ocorre quando há um conflito entre corpo e alma, que acontece na falta de harmonia dos movimentos de revolução do corpo no momento da encarnação. Esses movimentos dissonantes podem provocar distúrbios na alma e torná-la desprovida de inteligência. Uma pessoa acometida por este mal possui dificuldades de discernir objetos e pronunciar corretamente os nomes dos mesmos (FRIAS, 2005, p 136).

Platão considera que a pior doença que pode acometer a alma é a ignorância (*amathía*). Desta forma para contê-la não bastaria somente uma restauração natural do equilíbrio que se daria com o tempo, mas a submissão à *terapia da alma*, que por vezes poderia ser através de conversas, estudo de alguma arte ou mesmo a prática da ginástica (FRIAS, 2005, p 138).

Terapeia da alma

No mundo Grego a justa proporção entre saúde do corpo e da alma se fazia necessária para evitar as mais graves doenças da alma, por isso eram sugeridas práticas de fortalecimento, visando um corpo forte e uma alma forte. Isso seria um sinônimo de saúde (FRIAS, 2005, p 138).

Na terapêutica platônica a temperança das ações e o justo equilíbrio entre o corpo e alma seriam os determinantes da saúde, ou seja, a harmonia. Em casos de enfermidades, o restabelecimento da harmonia desse todo constituído pelo binômio corpo-alma seria a finalidade médica, logo a *therapéia* platônica não se restringia às partes separadas e sim a uma compreensão geral da história do indivíduo e história da doença (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.627).

Para a manutenção de um corpo saudável era sugerido estar em movimento com a prática da ginástica assim como suas variações ativas e passivas. Além dos movimentos, ter um bom regime alimentar seria necessário para manter um corpo forte (FRIAS, 2005, p 138).

Levando em consideração o todo analisado para que se trate das doenças da alma, eram recomendados diferentes tipos de atividades como: estudos de música, astronomia, filosofia e até mesmo boas conversas. Neste caso, as palavras seriam o *Phármakon* que, segundo Platão *apud* Siqueira-batista e Schamm (2004), proferidas por um sofista poderiam ser um tóxico mortal, e ditas por um filósofo poderiam ser o mais poderoso dos bálsamos. Isso faria da filosofia por excelência uma genuína medicina da alma (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.628).

A medicina Platônica sugere que as condutas tomadas para a manutenção da boa saúde visem a movimentação das três partes que compõem a alma (Racional, Irascível e Concupiscente). E para a correção de estruturas falhas da alma imortal, que acarretam na ignorância, é sugerido o estudo de Música e Astronomia. O estudo destes saberes trariam ao homem uma harmonia do pensamento que se assemelha aos movimentos de revoluções presentes no universo, assim estes saberes ajudariam a corrigir movimentos dos ciclos da alma racional (FRIAS, 2005, p 139).

A harmonia entre alma e *cosmos* traria benefícios à saúde da alma, e a justiça como uma virtude moral desse equilíbrio deveria fundar a *polis* ideal, uma vez que, seria na *polis* que o homem grego iria obter as relações sociais que visam a educação, considerada por Platão uma poderosa ferramenta terapêutica (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.631).

FILOSOFIA E MEDICINA NA GRÉCIA ANTIGA

Filosofia e Medicina foram os primeiros campos do saber que se dissociaram da religião, Gusmão (2004) afirma que por muito tempo os Gregos antigos tinham nos mitos uma forma de explicação do mundo e das coisas que aconteciam sob o jugo da ação divina. (GUSMÃO, p. 6). Estes campos de conhecimentos estiveram lado a lado por muito tempo, o que compreende aproximadamente os séculos VI e IV a.C. Deste modo é possível constatar a fluência mútua que ambos sofreram, de modo que é possível de encontrar na medicina hipocrática elementos da filosofia, como por exemplo, o conceito de percebíveis as influências médicas nas obras de Platão, que por vezes trata de questões de interesses médicos e filosóficos simultaneamente, como a saúde e doença do corpo e da alma (SIQUEIRA-BATISTA; SCHRAMM, 2004 p.620).

A relação entre medicina e filosofia marca um determinado período da história do ocidente. Segundo Frias (2005), foi por volta do século VI a.C. com Tales de Mileto que houve a “invenção de uma forma de pensar”, nesse caso, o alvorecer da filosofia, que foi iniciada na busca por um princípio ordenador (*arkhé*). Neste período o objeto de reflexão estava voltado para a natureza (*phýsis*), característica dos filósofos pré-socráticos (FRIAS, 2005 p,19).

Alcmeón de Crotona foi um filósofo e médico pré-socrático discípulo de Pitágoras, considerado o criador da primeira doutrina médica ocidental, foi primeiro a vincular as funções mentais ao cérebro (CASTRO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2011 p. 811). Ele definiu o binômio saúde-doença como potências opostas que são misturadas, o equilíbrio geraria saúde e o desequilíbrio doença. Para Alcmeon, a igualdade de direitos entre os poderes que listou, como: húmido-seco, frio-quente, doce-amargo seria o determinante,

uma vez que a monarquia de um desses sobre o outro iria acarretar no desequilíbrio do corpo e uma posterior doença. Tais observações foram derivadas do saber que se baseava na relação com a natureza (FRIAS, 2005, p. 26).

“O primeiro a separar a Medicina de filosofia foi Hipócrates, que nasceu por volta do ano de 460 a. C., na cidade de Cós, localizada em uma pequena ilha na costa dórica” (CASTRO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2011, p. 802). Ele é considerado o pai fundador da medicina grega, que se estabeleceu por volta do séc. V a.C. Hipócrates estava ligado à escola de medicina de Cós, relata Frias (2005), sendo então considerado o criador da medicina racional, uniu a capacidade especulativa dos filósofos com as experiências acumuladas dos Asclepiades (FRIAS, 2005, p37).

O desenvolvimento que a medicina obteve até com o passar dos tempos tem seu berço no *corpus hippocraticum*, que é o conjunto de tratados referentes à medicina Grega, e que reúne cerca de sessenta tratados médicos, cuja maior parte foi aparentemente redigida entre os anos 450 e 300 a.C. Devido apenas a esse fato, entende-se que todas as obras não puderam ser redigidas por um só indivíduo” (CASTRO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2011, p. 802), sendo assim, nem todos os tratados seriam da autoria de Hipócrates. No entanto, o conjunto leva seu nome por ser o maior símbolo e pensador da medicina Grega (FRIAS, 2005).

CONCLUSÃO

A terapêutica da alma, que no ocidente foi inaugurada pelos Gregos antigos, nos conduz a reflexões críticas acerca de como fora compreendida a *psykhé* do homem, que é como nos referimos a essa instância humana no mundo moderno.

A crença religiosa esteve presente nas sociedades antigas, e durante muito tempo determinou a direção a ser seguida por estes povos. Explicações místicas e medidas terapêuticas que nos aparentam ser incompreensíveis, a

princípio, eram a fonte do saber prático comum nessas sociedades. No entanto, o florescimento da filosofia junto do desenvolvimento de doutrinas médicas apontaram uma direção muito importante para o desenvolvimento do homem ocidental, marcando o surgimento de sistemas de pensamento racionais e não mitológicos.

Aproximadamente dois milênios e meio se passaram desde que se iniciaram as reflexões e estudos sobre Filosofia e Medicina, neste contexto, desenvolveram-se diversas teorias e terapêuticas que tentaram responder questões fundamentais acerca da saúde da alma. Hoje podemos enxergar mais distâncias que proximidades entre esses campos, no entanto, para tais questões que hoje são de domínio e estudo das ciências psicológicas, aproximá-las é enriquecedor ao conhecimento.

Tratar especificamente sobre doenças da alma no contexto grego antigo pode soar, em certa medida, paradoxal, pois, esta temática dificilmente seria tratada isoladamente, uma vez que os conhecimentos que permitiam os tratamentos de enfermidades foram abordados num conjunto do homem com o seu meio. Sendo assim, as questões da *psykhé* não seriam vistas isoladamente, os saberes de medicina do corpo e da alma muitas vezes dialogariam e seriam essenciais, para que houvesse uma compreensão completa homem.

Platão muitas vezes refere-se a enfermidades que iniciam no corpo e desequilibram a alma, e assim também o seu contrário. Aponta também a influencia dos muitos elementos físicos, biológicos e culturais que são os formadores do homem no contexto mais amplo. O que faz do contexto um elemento sempre frisado para compreensão da natureza de enfermidades, isto é, a história do sujeito sendo levada em consideração.

Assim como a obra platônica foi fundamental para compreensão dos elementos da alma humana, a influência dos tratados de Hipócrates foi essencial ao entendimento do homem grego clássico. Aspectos intelectuais como a política, educação nas diversas artes, além de serem mencionados foram tomados como possíveis terapêuticas para almas acometidas por

degenerações morais, em especial a ignorância, que foi considerada por Platão a pior das doenças da alma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, D.; LEMOS, P. **A medicina na Grécia antiga**. Revista de Medicina, v. 86, n. 2, p. 117-119, 20 jun. 2007.

CASTRO, Fabiano S.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. **Alma, corpo e a antiga civilização grega: as primeiras observações do funcionamento cerebral e das atividades mentais**. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 798-809, 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000400021&lng=en&nrm=iso>

EL-JAICK, Ana Paula Grillo; CARVALHO, Laís Lagreca de. **O PODER DO LÓGOS E SUA DIMENSÃO MORAL**. Trab. linguist. apl., Campinas, v. 57, n. 2, p. 779-798, Aug. 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132018000200779&lng=en&nrm=iso>

ENTRALGO, P. Lain. **La Curación Por la Palabra en la antigüedad clásica**. Revista de Occidente S.A, Madrid, 1958.

FRIAS, Ivan. **Doenças do corpo doenças da alma: medicina e filosofia na Grécia clássica**. Editora PUC-Rio. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

GUSMÃO, Sebastião. **História da Medicina: evolução e importância**. Rio de Janeiro: Jornal Brasileiro de Neurocirurgia, 2004.

JARDIM DE CARVALHO, I. Jr. **A ideia das influências ambientais/climáticas em Hipócrates: ensaio crítico da obra “Ares, Águas e Lugares”**. Geografia, Rio Claro, v. 37, n. 3, p. 367-389, set./dez. 2012.

PIGEAUD, Jackie. **Metáfora e melancolia: ensaios medico-filosóficos**. Organização e tradução: Ivan Frias. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Contraponto 2009. ISBN: 978-85-7866-007-9.

PLATÃO. *Timeu*. 86b. Trad. A. Rivaud.

PLATÃO. *Sofista*. 230a Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa

REZENDE, M. Joffre. **Dos quatro humores às quatro bases**. São Paulo: Editora Unifesp 2009.

ROCHA, Zeferino. Psyché (ψυχή). Os caminhos do acontecer psíquico na Grécia Antiga. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 67-91, June 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142001000200067&lng=en&nrm=iso>.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; SCHRAMM, Fermin Roland. Platão e a medicina. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 619-634, Dec. 2004. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000300005&lng=en&nrm=iso>.